

**Faculdades Metropolitanas Unidas**

**SURDEZ E IDENTIDADE: EXISTE UMA CULTURA SURDA?**

**Viviane Marques Miranda**

**São Paulo**

**2010**

**Faculdades Metropolitanas Unidas**  
**Educação da Pessoa com Deficiência da Audiocomunicação**

## **SURDEZ E IDENTIDADE: EXISTE UMA CULTURA SURDA?**

**Viviane Marques Miranda**

Trabalho apresentado às Faculdades Metropolitanas Unidas como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Educação da Pessoa com Deficiência em Audiocomunicação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Taís Ciboto.

**São Paulo**  
**2010**

MIRANDA, Viviane Marques. **Surdez e identidade: existe uma cultura surda?**  
São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – FMU – Faculdades  
Metropolitanas Unidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos aos professores do curso, os quais muito contribuíram para minha formação, especialmente à minha orientadora, Taís Ciboto, que realizou intervenções bastante oportunas. Aos colegas de curso, parceiros nessa caminhada. Ao João, à Tânia, ao Igor e à Cibele pelo apoio e boa vontade. À Editora Arara Azul por disponibilizar suas publicações para *download* gratuito. A todos meus amigos surdos e ouvintes pelas interações, momentos de conversa e partilha. Sobretudo a Deus pelo norte.

Durante a viagem, estando já perto de Damasco, subitamente o cercou uma luz resplandecente vinda do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia (...). Os homens que o acompanhavam enchiam-se de espanto, pois ouviam perfeitamente a voz, mas não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão. Abrindo, porém os olhos, não via nada. Tomaram-no pela mão e o introduziram em Damasco, onde esteve três dias sem ver, sem comer nem beber. (Atos 9, 3-9)

(...)

No mesmo instante caíram dos olhos de Saulo umas como escamas, e recuperou a vista. Levantou-se e foi batizado. (Atos 9, 18)

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é demonstrar a existência de uma cultura surda e sua relevância para a minoria lingüístico-cultural surda e porventura para a sociedade ouvinte, dita “majoritária”. Tal tema chamou-nos a atenção devido às controvérsias existentes, sobretudo, nos meios ouvintes, relacionadas à existência duvidosa de uma dita “cultura surda”, idéia grandemente rejeitada conforme mostraremos. A metodologia empregada foi a de pesquisa bibliográfica e de campo. Esta última consistiu em um questionário no qual foram indagadas pessoas surdas sobre a existência da cultura surda e de seus artefatos. Durante as investigações realizadas, pudemos verificar a existência de elementos que corroboram a hipótese inicial de nossa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura surda, surdez, identidade, língua de sinais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A LÍNGUA DE SINAIS.....</b>	<b>9</b>
2.1 Literatura e produção cultural em língua de sinais.....	10
2.2 Os costumes surdos.....	14
2.3 O fenômeno da fofoca na comunidade surda.....	19
2.4 Associações e clubes de surdos.....	20
2.5 Conquistas surdas.....	20
2.6 O surdo por ele mesmo.....	22
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSULTAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Segundo Sá (2006), as pessoas não-surdas têm muita dificuldade em admitir que os surdos possuam processos culturais específicos, e, por isso, muitos continuam a tratá-los apenas como um grupo de deficientes ou incapacitados. Existe, não obstante, uma resistência ou mesmo rejeição à idéia de “cultura surda” (SANTANA *et al*, 2005; PERLIN, 1998).

Não pretendemos defender que o surdo é parte de uma “raça” distinta da sociedade ou de sua família ouvinte (SÁ, 1999 *apud* SANTANA, 2005). Todavia, pretendemos demonstrar que as especificidades culturais dos surdos, manifestas na língua, nos costumes, nos modos de socialização, subjetividade, expressividade, nas formas de resistência à dominação ouvinte e de funcionamento cognitivo, dão origem ao que chamamos “cultura surda”.

Aqui cabe definir o que constitui o termo “cultura”. Segundo o antropólogo Ward Goodenough (1957 *apud* Wilcox, 2005),

cultura consiste em tudo aquilo que uma pessoa precisa saber ou acreditar de modo a operar de uma maneira aceitável em relação aos outros membros... É a forma que as coisas tomam na mente das pessoas, seus modelos para aprender, relacionar e interpretá-las. (p. 95)

Wilcox (2005) afirma que cultura é a forma como uma pessoa faz sentido do mundo. Consiste nas idéias, conceitos, categorias, valores, crenças – “o que Clifford Geertz chama de “aparelhagem” que as pessoas utilizam para orientá-las em um mundo que, sem isso, seria opaco” (1973 *apud* Wilcox, 2005, p. 95). Geertz (1983 *apud* Wilcox, 2005) diz que é necessário no estudo da cultura que o pesquisador veja os fatos da perspectiva de um nativo. Igualmente, a pesquisadora surda Perlin (1998), visando “a pensar sobre o surdo através do surdo” (s/p, cap.1.4), observa que “a história [deles] é pensada e contada geralmente por ouvintes, o que nos leva a perceber tanto a relação desigual de poderes como o domínio dos ouvintes da cultura surda” (s/p, cap. 2.1). Wilcox (2005) assevera que a primeira tarefa do estudo da cultura surda é descobrir quem os surdos pensam que são:

As pessoas em todos os lugares desenvolveram estruturas simbólicas em termos das quais as pessoas são percebidas, não simplesmente como tais, membros comuns da raça humana, mas como representantes de certas

categorias distintas de pessoas, tipos específicos de indivíduos. (...). O mundo cotidiano dentro do qual circulam os membros de qualquer comunidade, o campo de ação social por eles pressuposto, é povoado não por “ninguéns”, homens sem rosto e sem qualidades, mas por “alguéns”, classes concretas de pessoas específicas, positivamente caracterizadas e apropriadamente identificadas (Geertz *apud* Wilcox, 2005, p. 96).

Lane (1992) ressalta que a cultura surda, além da língua, é constituída pela literatura específica, sua própria história ao longo do tempo, história de conto de fadas, fábulas, romances, poesia, peças de teatro, anedotas, alcunhas, jogos de mímica e muito mais.

Na mesma vertente, Wilcox (2005) considera que existe um grupo forte e coeso de pessoas nos EUA que, de fato, se identificam com uma cultura surda. Seus membros compartilham valores, crenças, comportamentos e, o mais importante, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade.

Participar de uma comunidade que partilha de uma forma comum de comunicação, de uma língua específica e de um conjunto de sentimentos que liga indivíduos fazendo-os uno e os *mesmos* em determinados momentos, é condição para podermos argumentar sobre a diferença surda. Portanto, enfatizar a idéia de invenção da comunidade surda, a partir de uma série de elos observáveis que passam por comunicação, territorialidade, uso do tempo, do espaço e de regras sociais, permite inscrever tal discussão no campo dos estudos étnicos/culturais (LOPES, 2007, p. 75).

Oportunamente iremos pontuar a manifestação dessa cultura surda e como ela emerge socialmente.

## **2 A LÍNGUA DE SINAIS**

Até recentemente, isto é, a partir de 1960 com Stokoe (QUADROS, 1997), um estudioso que pesquisou extensivamente a língua de sinais americana enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet, as línguas de sinais eram consideradas apenas representações miméticas, ou seja, um tipo de pantomima, totalmente icônicas e sem nenhuma estrutura interna formativa, desprovidas de precisão, flexibilidade e sutileza (QUADROS, 1997; SACKS, 1998). No entanto, as pesquisas que vêm sendo realizadas nesse campo atualmente evidenciam que tais línguas são altamente complexas, consistindo em sistemas abstratos de regras gramaticais,

naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam (QUADROS, 1997).

As línguas de sinais são naturais e visoespaciais, desenvolvendo-se no meio em que vive a comunidade surda. Surgiram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal oral-auditivo, mas o canal visoespacial e passaram de geração em geração de pessoas surdas (QUADROS, 1997).

Essas línguas são, destarte, consideradas pela lingüística como um sistema lingüístico legítimo e completo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem (QUADROS, 2004).

Lane (1992) afirma que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um repositório de conhecimentos culturais e um símbolo da identidade social.

## **2.1 Literatura e produção cultural em língua de sinais**

Os surdos consideram-se essencialmente visuais, com uma língua visual, uma organização social, uma história e com valores morais que lhe são próprios, isto é, estas pessoas têm sua própria maneira de ser e possuem uma língua e cultura próprias (LANE, 1992).

A literatura em língua de sinais materializa a cosmovisão surda, isto é, como o surdo vê o mundo, como ele se vê no mundo, como vê os ouvintes, quais são seus valores e como é sua língua.

É por intermédio da literatura em ASL (Língua de Sinais Americana), comenta Lane (1992), que uma geração passa à seguinte sua sabedoria, seus valores e seu orgulho, reforçando, deste modo, os laços que a unem à geração mais jovem. Segundo o autor (1992), tem havido uma avalanche de relatos sobre a vida, a linguagem, as artes e a comunidade surda. Existem peças escritas por dramaturgos surdos e muitos atores e grupos teatrais de surdos, incluindo o NTD (National Theater of the Deaf).

De fato, a produção cultural surda tem aumentado; são poetas surdos cujas obras em língua de sinais têm sido publicadas, além de peças de teatro e versões de clássicos adaptados para a língua de sinais (Chapeuzinho Vermelho surda, o Patinho Feio surdo, Cinderela surda, fábulas de Esopo, contos de Machado de

Assis). No Brasil, temos Nelson Pimenta, poeta e ator surdo – com clássicos que ele adaptou e encenou para libras – como Pinóquio – pela LSB Vídeo – (Língua de Sinais Brasileira Vídeo); nos Estados Unidos, temos Marle Matlin, atriz premiada e escritora surda, que publicou sua autobiografia intitulada “Deaf Child Crossing” (ainda sem tradução no Brasil); no *youtube* é possível acessar muitas piadas em ASL feitas por surdos americanos e em libras feitas por surdos brasileiros, etc.

As pesquisas acadêmicas na área da surdez e da língua de sinais também têm aumentado, inclusive, realizadas por surdos como Paddy Ladd, Tom Humpries e Carol Padden, nos Estados Unidos. No Brasil, temos as produções científicas da lingüista surda Shirley Vilhalva (2004), das doutoras em Educação e também surdas Gladis Perlin (2003) e Karin Lilian Strobel (2008), dentre outros.

Na literatura em BSL (Língua de Sinais Britânica), temos o destaque da poetisa surda britânica, Dorothy Miles (Dot), que desenvolveu seus princípios de poesia em língua de sinais enquanto trabalhava no Teatro Nacional do Surdo/NTD nos EUA, na década de 1970 e que inspirou outras gerações de poetas surdos, dentre eles: Paul Scott (britânico) e Nelson Pimenta (QUADROS, 2006).

O prazer e o entretenimento proporcionados pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade lingüística, afirma Quadros (2006). Segunda a autora sobredita, esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas idéias e significados, que se fortalecem pela instrução, inspiração ou celebração. Conforme Ladd (2003 *apud* QUADROS, 2006), pesquisador surdo, utilizar a língua de sinais criativamente e como uma forma de arte é um ato de empoderamento em si mesmo para um grupo lingüístico oprimido. É uma expressão implícita do seu orgulho na sua língua.

Alguns poemas estão explicitamente ligados aos assuntos que são relevantes para as pessoas surdas, sendo relacionados diretamente à experiência surda. Esses incluem, especialmente, os poemas que celebram declaradamente a língua de sinais e o mundo visual, os que celebram realizações surdas, os que exploram explicitamente os relacionamentos entre surdos e ouvintes e os que comentam sobre o lugar das pessoas surdas no mundo. Em outros casos, entretanto, a “surdez” é menos declarada, e é tecida profundamente na tela do poema de modo que deva ser descoberta para ser vista. (...). Outros temas, tais como a natureza, o amor, e a vida e a morte, são também explorados na poesia em língua de sinais, mas enquanto os poemas são compostos com a perspectiva de um poeta surdo, mesmo esses temas aparentemente gerais são usados para criar imagens “surdas”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 116-117)

Uma das contribuições principais da poesia sinalizada para o empoderamento do

povo surdo, segundo Quadros e Sutton-Spence (2006), é a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas, de maneira a descrever e validar essas experiências. Vejamos como:

A experiência sensorial de pessoas surdas é uma característica central de muitos poemas na língua de sinais. O som – e a ausência dele – tem lugar muito pequeno nessas poesias e é raro encontrar um poema na língua de sinais que foque em qualquer sentido a perda da audição para pessoas surdas. Alguns poemas escritos por pessoas surdas refletem isso (Ormsby: 1995b dá alguns exemplos do século XIX, tais como O lamento mudo/The Mute's Lament de John Carlin de 1847), mas para poetas da língua de sinais, o som e o discurso são simplesmente irrelevantes. Em vez disso, a visão é trazida para o primeiro plano, reafirmando o lado positivo da experiência surda da vida e da existência visual das pessoas surdas.

(...)

As idéias de olhar e de ver, dos olhos e da visão são repetidamente tecidas em poemas sinalizados. Essas referências parecem tão comuns que levam um tempo de readaptação e de consideração para reconhecer suas significações. Colocar as imagens do olhar e da visão em poema na língua de sinais fortalece o poeta e a platéia, mostrando sua identidade visual. (QUADROS *et al*, 2006, p. 117-118).

No texto “Poesia em Língua de Sinais: Traços da Identidade Surda”, Quadros e Sutton-Spence (2006) analisam produções de dois poetas surdos, Nelson Pimenta, brasileiro (poema “Bandeira Brasileira” em LSB – língua brasileira de sinais) e Paul Scott, britânico (poema “*Three Queens*” em BSL). No trabalho citado, as autoras mostram como as produções desses poetas, em línguas de sinais diferentes, constróem e expõem identidades que os aproximam enquanto pessoas surdas e, também, como membros de suas comunidades surdas nacionais.

Wilcox (2005) também reconhece como a experiência do surdo de ser e estar no mundo estão presentes em suas produções culturais, de maneira a mostrar os elementos sob a perspectiva surda. Para tanto, o autor analisa o exemplo da peça representada em 1973 pelo NTD/ Teatro Nacional do Surdo, intitulada “Meu terceiro olho”. Nesta peça, a forma de se comportar dos ouvintes é tratada com estranheza pelo surdo. Confirmamos um trecho extraído do autor:

Em uma parte da peça, um grupo de atores Surdos representam uma trupe de saltimbancos. A sensação é como se eles tivessem acabado de retornar de uma expedição para uma terra estranha – a Terra dos Ouvintes – e estivessem agora compartilhando com seus companheiros o que eles viram. Vários atores estão a postos. Uma mulher está vestida como mestre de cerimônias. Ao lado há uma jaula com pessoas dentro – são ouvintes. A mestre de cerimônias dá um passo a frente.

MC: Eis o espetáculo! Olhem para vocês mesmos! O formato do corpo é o mesmo. O membros são os mesmos. O comportamento – ah, diferente! Você e eu usamos nossos olhos. [Os outros atores demonstram vários usos dos olhos para comunicação.]

MC: Os olhos desta mulher são vazios, fracos. Você e eu usamos nossas faces. [Novamente, os atores demonstram vários usos de suas faces para comunicação.]

MC: A dela é congelada exceto na boca. Vocês perceberão que as bocas continuam a se mover no decorrer da apresentação.

MC: Deixem os atores mostrar a vocês o que nós vimos. [Uma mulher é vista falando no telefone. Embora nós possamos ver sua boca se movendo, não conseguimos ouvir sua voz.]

MC: Vê o que acontece? Nada pode pará-la. [Os atores aparecem, um a um, e tentam chamar a atenção dela, falando com ela e balançando seu braço. De repente, um homem forte a agarra, virando-a totalmente de cabeça para baixo; não incomodada, ela continua falando no telefone.]

MC: Nesse mundo, nós vimos que, por não usarem suas mãos, eles têm também um medo do toque. [Os atores se apresentam como ouvintes num metrô. O vagão está cheio de pessoas em pé, segurando nos corrimões. Um homem entra e procura se mover entre as pessoas. Conforme caminha, mostra-se claramente com receio de tocar as pessoas para chamar-lhes a atenção. Quando ele finalmente supera esse receio e toca no ombro de uma passageira, ela leva um susto e pula assustada para trás.] (WILCOX, 2005, p. 102-3)

Conforme comenta Wilcox (*ibidem*), esse retrato da pessoa ouvinte revela mais sobre as pessoas que o pintaram do que propriamente sobre as pessoas retratadas: “revela que os surdos valorizam os olhos e o uso do rosto para fornecer informações. Movimento excessivo da boca, no entanto, pode ser um comportamento inaceitável na cultura Surda. Além disso, os Surdos valorizam o toque” (p. 104).

Vimos como a literatura e a produção cultural surdas fornecem informações valiosas sobre sua cosmovisão, valores, identidade etc. Agora falaremos um pouco sobre o humor surdo.

Lane (1992) afirma que a hostilidade encontra caminhos seguros, sendo assim reorientada, isto é, a maneira como o surdo sublima sua oposição à pressão ouvinte aparece nas piadas em que este se encontra em situação de vantagem diante do ouvinte por causa da ausência de audição:

O humor surdo inclui, freqüentemente, o tema da pessoa surda fazendo uso da sua surdez para enganar a pessoa ouvinte. Um casal surdo é sempre acolhido pelo proprietário do motel, mesmo quando fazem o registro de entrada já tarde. Vão para o seu quarto, onde a mulher se apercebe que deixou os cigarros no carro; o marido vai buscá-los e não se consegue lembrar de qual dos quartos mais próximos e idênticos – está tudo escuro – ela havia saído apenas alguns minutos antes. Ele começa, então, a buzinar insistentemente, acendem-se as luzes em todo o motel – excepto num quarto, onde ele entra e vai para a cama. (LANE, 1992, p. 89)

Uma das formas de resistência à dominação e que espelha as relações de poder, conflito e tensão entre o ouvinte e o surdo consiste no “humor surdo” presente nas piadas, estas não são apenas anedotas inócuas e despreziosas; mas refletem a relação “paternalista, medicalizadora e etnocêntrica” (LANE, 1992, p. 210). Vejamos alguns exemplos: a “piada do surdo e do ouvinte”, na qual aquele sobrevive por saber contar até dez com apenas uma mão, ao passo que este sucumbe por não dominar essa técnica. Ou a pilhéria do “touro surdo”, em que o toureiro violinista subestima o touro devido ao tamanho, porém o subestimado derrota a quem o desdenhou a despeito da estatura e consegue esse feito graças à ausência de audição, a qual, nessas piadas, não significa uma desvantagem ou *handicap* social, pelo contrário, representa uma prerrogativa para conseguir, obter, alcançar o que se deseja.

Outras piadas apenas fazem troça das diferenças entre surdos e ouvintes. Outras mostram como o surdo faz uso exímio de sua visão, tal qual na “piada da caçada”, em que, não obstante, a personagem surda esteja em crassa desvantagem, ainda é capaz de superar aos ouvintes, deixando-os estupefatos (Feneis).

Enfim, existe um sem-número de piadas surdas, o levantamento seria extenso, algumas exploram o mercado da surdez (aparelhos auditivos), outras as relações sociais conflituosas entre o surdo e a sociedade majoritária ouvinte, as diferenças entre uns e outros (surdos e ouvintes), ainda outras são reveladoras do jeito surdo de ser e de estar no mundo.

## 2.2 Os costumes surdos

*Olha para mim, mostra-me o teu rosto, os teus olhos, para eu entender*  
(Laborit, 2000, s/p, cap. 6).

Neste subcapítulo falaremos um pouco sobre os costumes surdos e como eles se manifestam. Para tanto deixaremos que o surdo se traduza. Utilizaremos alguns posicionamentos, sobretudo de pesquisadores ou escritores surdos, a saber: Vera

Strnadová, Emmanuelle Laborit e Gladis Perlin.

Strnadová (2000) afirma que os surdos são uma minoria lingüístico-cultural e que denominam sua comunidade

com letra maiúscula “*Deaf people*”. Nesta comunidade podem se comunicar sem problemas, organizam suas competições esportivas e culturais, inclusive de âmbito internacional. Não têm vergonha da surdez. (...). Não querem que os ouvintes se intrometam no seu modo de vida e de comunicação. Vocês, como ouvintes, poderão ter outra opinião, mas devem respeitar a opinião dos surdos. (STRNADOVÁ, 2000, p. 30)

Strnadová (2000) em seu livro “Como é ser surdo”, ao qual faremos referências doravante, afiança que os ouvintes não podem tomar decisões em nome dos surdos, sobre como os surdos devem viver sua surdez ou como devem se comunicar.

A autora toca em vários pontos importantes e delicados a respeito das diferenças entre surdos e ouvintes, o jeito surdo de ser e estar no mundo, histórias engraçadas que são motivos de piadas entre os surdos relacionadas aos diferentes significados que um mesmo sinal pode ter em línguas de sinais diferentes, fala sobre o incômodo de usar a língua de sinais em público por chamar a atenção dos ouvintes “mais do que uma roupa extravagante”, sobre a tecnologia assistiva, dificuldades de ser surdo numa sociedade ouvinte e das relações que são tecidas a partir dessas dificuldades, a importância do intérprete e de seu trabalho, a questão do toque para chamar a atenção, como é o protocolo desse toque, fala sobre os “acenos que não são de adeus” para chamar a atenção de um surdo que esteja a certa distância da pessoa com quem quer iniciar o contato, ou de quando um surdo vai falar para muitos outros surdos. Aborda ainda a organização logística do aceno

Outra situação surge quando queremos falar com alguém que não está conversando com ninguém, mas não pode ver o nosso aceno. Pediremos ajuda de outra pessoa que se encontra no campo visual dele. O intermediário nos notará (...) e nós apontaremos com quem queremos conversar. O nosso auxiliar acenará para ele e [avisá-lo-a]. Depois de alguns acenos o contato estará estabelecido.

Parece complicado mas é, basicamente, muito simples e funciona. Mas só entre os surdos. (STRNADOVÁ, 2000, p. 188-9)

A autora comenta também sobre a importância do olhar durante a comunicação entre surdos, como esse olhar se dá, sobre as diferenças de comportamento entre adultos e crianças surdas em relação a adultos e crianças ouvintes, de como estes e

aqueles controlam o ambiente quando estão concentrados em uma atividade.

Sobre as festas surdas, a autora as descreve como são: “A nossa festa dançante não é igual à de vocês, pessoas ouvintes” (p. 198). Fica-se com a impressão de que todos se conhecem. Ninguém se sente inibido para falar com uma pessoa até então desconhecida, e a primeira pergunta geralmente é de onde a pessoa provém, contamos a autora. “Numa dessas festas podemos encontrar tanto jovens mal saídos das fraldas como pessoas bem idosas. Se numa família existir mais de um membro surdo, irá à festa a família inteira (...)” (p. 198). A autora chama atenção também quanto à quantidade de mãos em movimento. No salão há poucas pessoas dançando. A grande maioria está em pé e fica andando de um lado a outro. Contam-se as novidades, mostram-se as fotos das famílias, os tempos de escola são recordados porque as escolas especiais são poucas e as pessoas, procedentes de localidades diferentes, estudaram na mesma escola; os que dançam, o fazem à sua maneira, “livres, só pela satisfação do movimento, sem sentir vergonha e sem ter medo de infringir alguma regra de etiqueta. Nas nossas festas isso é permitido” (p. 199).

Parecidamente, Perlin (1998) informa-nos que as muitas festas “dos sujeitos surdos acontecem na casa dos surdos. Esta é uma tradição, a casa dos surdos é o lugar onde todos nos sentimos bem por estarmos longe do poder ouvinte” (PERLIN, 1998, p. 18). Oportunamente, compararemos estes posicionamentos com as colocações de nossos entrevistados na pesquisa de campo.

Outro dado interessante é sobre o surdo “atrás do volante”, segundo palavras de Strnadová (2000). Muitos ouvintes se assombram quando têm notícia ou vêem um surdo que dirige, afirma a autora. “Como ele consegue?” – é a pergunta de praxe. Strnadová além de responder a essa pergunta, explica, com humor, como manter conversação com um surdo no volante:

Sentem-se ao lado do motorista e não no banco de trás. Inclinem a parte superior do tronco para frente para ficar no campo visual do condutor, mesmo que ele esteja olhando para a estrada. Esperem até aparecer um trecho reto e com pouco movimento. Inclinem ainda mais a cabeça e as mãos para frente e sinalizem com atenção. Façam uns três sinais, deixem um intervalo, mais alguns sinais, outro intervalo (...). (*Ibidem*, p. 202)

Quando o motorista responder, geralmente, ele usará para isso apenas a mão direita e segurará o volante com a esquerda, arremata.

A autora relata também sua experiência ao assistir a um espetáculo de grupo de dança americano que cantava e dançava com as mãos sobre a solidariedade e o amor.

No Brasil também temos grupos musicais surdos, entre eles o Surdodum. “Os surdos exprimem a música através do movimento. Com o corpo dançam a melodia e cantam com as mãos.” (STRNADOVÁ, 2000, p. 84). O Surdodum é uma banda composta por surdos e ouvintes, originada no Distrito Federal e que já realizou várias apresentações, inclusive em âmbito internacional; eles usam o som, o movimento e a língua de sinais brasileira. O projeto de ação social “Música no Silêncio” cuja missão é promover uma arte acessível também ao surdo, é realizado pela OSCIP Voz da Voz, visando sensibilizar a surdos e ouvintes.

Segundo descobertas que foram apresentadas durante a 87ª Assembléia Científica e Encontro Anual da Sociedade de Radiologia da América do Norte em 2001 (RSNA), pessoas surdas sentem vibrações na região do cérebro que pessoas ouvintes utilizam para ouvir, o que ajuda a explicar como músicos surdos podem sentir a música e como pessoas surdas podem apreciar concertos e outros eventos musicais.

Conforme o estudo citado, a informação relativa à vibração tem essencialmente as mesmas características que a informação sonora, portanto para os surdos uma modalidade (vibração) passa a substituir a outra (sonora) na região cerebral.

"As descobertas sugerem que a experiência que os surdos têm quando 'sentem' a música é similar à experiência de ouvir música para outras pessoas sem essa condição. A percepção das vibrações musicais pelos surdos é tão real quanto seu equivalente sonoro por serem ambos processados na mesma região do cérebro," afirmou Dr. Dean Shibata, professor de radiologia na Universidade de Washington e autor do estudo. (Fonte: Sociedade de Radiologia da América do Norte, 28/11/2001)

Parecidamente, Laborit (1994) assegura gostar de música, por senti-la com o corpo e captar-lhe as vibrações “os efeitos de luz, o ambiente, a sala cheia, tudo isso são vibrações”. A descrição que Laborit faz de sua experiência de percepção da música é *sui generis*:

Mas o campo da música é muito vasto, imenso. Por vezes perco-me nele. É o que acontece no interior do meu corpo. Há notas que se põem a dançar. Como as chamas numa lareira. O ritmo do fogo, pequeno, grande, pequeno, mais rápido, mais lento... Vibração, emoção, cores em ritmo mágico. (2000, s/p, cap. 4)

A experiência musical do surdo é diferente da experiência do ouvinte, porém afirmar que esta é mais significativa ou melhor do que aquela é resvalar num etnocentrismo hiante, pois quando tomamos a nossa experiência como correta e natural, convertendo-a em parâmetro para avaliarmos todas as demais, forçosamente estas estarão em desvantagem em relação àquelas, pois serão pensadas segundo os valores e critérios de uma cultura exógena, sendo, portanto, distorcidas pela ótica do avaliador (ROCHA, 1991).

É melhor a música sentida pelo surdo ou pelo ouvinte? Obviamente que esta consiste numa questão falaciosa, da mesma ordem daquela: “é melhor a língua da modalidade oral-auditiva ou a da modalidade visoespacial?”, “é melhor ser surdo ou ser ouvinte?”, “é melhor sentir a música na modalidade vibratória ou na modalidade sonora?”. As respostas a essas questões terão sempre o norte da cultura a que se propõe respondê-las, nunca serão isentas. Portanto, cabe ao ouvinte respeitar a maneira como o surdo sente e pensa o mundo e seus fenômenos.

Strnadová (2000) escreve também um capítulo antológico cujo título é “A campanha viva”, no qual relata sobre como sua cachorra Darina a avisa quando a campanha toca e que, pela conduta da cadela, sua dona sabe se a pessoa atrás da porta é conhecida ou estranha.

Por fim, a autora, com humor, fazendo uso de suas experiências surdas, relata sobre os “óculos voadores”; se você nunca os viu, mas quiser ver alguns, basta procurar um grupo de surdos – aconselha – pois por se comunicar “em língua de sinais e com a atenção voltada para a conversa, esquecem-se dos óculos. Quanto mais discutem, os movimentos das mãos tornam-se mais rápidos e impetuosos” (p. 175), e como muitos sinais têm a locação na cabeça, “os óculos começam a voar”. Isso ocorre de fato, e pudemos presenciá-lo em várias ocasiões em nossa pesquisa de campo. Tais incidentes tornam-se piada e motivo de troça entre os surdos e vão singularizando e dando forma às suas experiências.

Um outro costume da comunidade surda é a identificação pelo sinal. Cada surdo tem o seu sinal além de seu nome. Também o ouvinte que ingressa na comunidade surda recebe um sinal: “Ele é Alfredo, eu sou Emmanuelle. Um sinal para ele, outro para mim. Emmanuelle: “O sol que parte do coração.” Emmanuelle para os que ouvem, o sol que parte do coração para os surdos.” (LABORIT, 2000, s/p, cap. 7).

### 2.3 O fenômeno da fofoca na comunidade surda

Qual a definição de fofoca? Segundo o dicionário Aurélio, “fofoca: s. f. Bras. Pop. Mexerico, intriga, bisbilhotice” (1986). Segundo o dicionário do Word: “boato, rumor, diz-que-diz-que”. A fofoca existe na comunidade surda de maneira muito presente na dinâmica das relações entre os surdos e, não raro, é vista como algo pejorativo pelos próprios surdos e também pelos ouvintes freqüentadores da comunidade surda. Mas essa “fofoca” deve ser levada a sério na medida em que sintomatiza a dinâmica das relações entre seus membros e como essa dinâmica gera e produz o fenômeno em questão.

Qual seria a função social da fofoca na comunidade surda? Em que medida essa fofoca é também manifestação da cultura surda já que espelha e mostra o que é lícito, o que é ilícito, o que é aceitável, o que é inaceitável; revelando, desta sorte, a subjetividade do surdo, como ele entende seus pares, como ele julga, seus valores, sua mundividência, enfim.

Seria importante pesquisar como esse fenômeno social acontece em outras minorias lingüístico-culturais ou em sociedades mais conservadoras, sua presença e sua recorrência a fim de termos parâmetros, isto é, cotejarmos as convergências e especificidades do fato em questão na comunidade surda. Seria uma forma de controle social sobre as vidas e as ações de seus membros? Seria uma maneira de mantê-los unidos? Como?

Na fofoca, o surdo cuja história é de amordaçamento cultural e lingüístico se auto-afirma livremente enquanto sujeito falante, discursivo, autônomo, que dispensa mediação? Seria uma hipótese para explicar a recorrência do fenômeno?

Acreditamos que seja preciso falar sobre esse fenômeno a fim de mudar seu *status*, isto é, de tema trivial para um assunto que merece pesquisa e busca de explicações para sua existência, sua freqüência e seu lócus de incidência, bem como sobre a relação desses três fatores (o lócus de incidência, o que incide e com que freqüência), com o fim de encarar esse fenômeno como tendo uma função social no meio em que ocorre e se acontece enquanto manifestação cultural; ou em que medida esse dado relaciona-se à situação de minoria lingüístico-cultural do grupo em que se manifesta.

## 2.4 Associações e clubes de surdos

A fundação de associações e clubes surdos também demonstra a necessidade dos surdos de espaços de socialização com seus iguais, sem o monitoramento ouvinte: “sem ter medo de infringir alguma regra de etiqueta” (STRNADOVÁ, 2000, p. 199), “longe do poder ouvinte” (PERLIN, 1998, p. 18). As associações e clubes surdos são lugares de auto-afirmação e soberania surdas, uma referência para os surdos locais. São promovidas festas (junina, *halloween*, feijoadas, macarronadas, jantares, baladas, comemorações), jogos coletivos e individuais (festivais, torneios, campeonatos de vídeo-game, dama, truco, dominó, xadrez, de esportes em geral), encontros, por exemplo, como no Clube dos Surdos de Jundiaí (CSJ), na Associação dos Surdos de São Paulo (Assp), na Associação dos Surdos de Uberlândia etc. Nesses eventos comparecem surdos do Brasil todo. Nós, por exemplo, tivemos a oportunidade de ir a uma festa do CSJ, em que se reuniam surdos de Ribeirão Pires, Campinas, Mauá, Caieiras, Barueri, Osasco, Santo André, Poá, São Paulo (Santana, Casa Verde, Santo Amaro, Campo Limpo, Ipiranga, Sapopemba, Itaquera etc).

Essas associações e clubes “funcionavam como espaços de recreação e lazer, mas com o passar do tempo passaram a ser importantes pontos de articulação política e de prática desportiva” (Confederação Brasileira de Desportos Surdos, CBDS - SP).

A formação organizada de associações e clubes unidos por ideal comum (interação, lazer, comunicação, lutas políticas) consiste em um artefato cultural inegável produzido pela minoria lingüístico-cultural surda.

## 2.5 Conquistas surdas

Como toda minoria lingüístico-cultural, a comunidade surda luta por seus direitos e espaço de atuação social. Algumas demandas dos surdos brasileiros já se concretizaram, como, por exemplo, a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que

dispõe sobre a língua brasileira de sinais e dá outras providências; o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que fala das adaptações técnicas, como a necessidade do intérprete/tradutor de libras/português, português/libras em locais de acesso de serviço de utilidade pública.

Outra conquista não menos importante, mais recente, datando de dezembro de 2009, é da maior facilidade em obter informações sobre os serviços oferecidos pela Prefeitura de São Paulo. A Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida colocou em operação o projeto piloto da CELIG – Central de Libras, Intérpretes e Guias-Intérpretes.

Segundo o sítio da Associação de Surdos de São Paulo, a Central utiliza terminais de computador e *webcam* instalados em diferentes pontos do serviço público municipal, para que o cidadão surdo possa conversar à distância, pelo monitor, com intérpretes de Libras. Os intérpretes podem transmitir todas as informações, hoje só disponíveis ao público ouvinte, pelo telefone 156.

A CELIG foi instalada em todas as 31 subprefeituras da capital e, gradualmente, outras unidades do serviço público municipal, passarão a contar com este serviço, com prioridade para hospitais e outras unidades da rede de saúde, segundo o sítio da prefeitura e da Assp.

Outra demanda significativa é da sensibilização sobre acessibilidade e língua de sinais no teatro. Em reuniões ocorridas no Centro Cultural São Paulo (CCSP) em novembro de 2009, foram tratadas questões sobre um possível edital de fomento ao teatro com intérprete; foram discutidos e pontuados elementos indispensáveis para a realização desse pleito, como por exemplo, espaço, iluminação, som, vestuário, formação específica para intérprete/tradutor de libras para teatro, localização do intérprete; questões administrativas, como remuneração do intérprete, incentivo para a companhia ou credenciamento de profissionais; elementos complementares de acessibilidade também foram levantados, como legendas e guia-intérprete.

Um número crescente de peças de teatro com intérprete de libras vem sendo realizadas, inclusive enriquecendo a linguagem cênica, com a incorporação da língua de sinais ao enredo, como na peça “Encontro de Dois” do grupo Quase 9, exibida no CCSP em março de 2010, dentre outras. O Teatro Vivo, em São Paulo,

também disponibiliza as apresentações de algumas peças teatrais com legenda e intérprete. Tudo isso consiste em grandes avanços para a comunidade surda. O reconhecimento de sua língua como segunda língua oficial do Brasil, a acessibilidade ao teatro e aos eventos ou serviços de utilidade pública ampliam o espaço de atuação social ao surdo, de maneira que ele possa agir significativamente e ter uma participação de qualidade, inclusive na transformação do espaço social.

## 2.6 O surdo por ele mesmo

O gesto, esta dança de palavras no espaço, é a minha sensibilidade, a minha poesia, o meu íntimo, o meu verdadeiro estilo. (LABORIT, 2000, s.p, cap. 1)

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, tudo ficou melhor quando eu descobri e tive a compreensão do que meu padrasto havia me ensinado sobre encontrar um mundo melhor, procurando ser cada dia melhor e dizia ainda que “Quando eu soubesse viver em paz com a intimidade de minha alma eu poderia compartilhar com outras pessoas”, verdade, isso eu só encontrei quando entrei para o mundo totalmente visual-espacial na comunidade surda. (VILHALVA, 2004, p. 37)

A história dos surdos é sempre narrada por ouvintes, afirma Perlin (1998). Não por outro motivo este subcapítulo propõe-se a pensar o surdo por meio do surdo, aproximando-o de sua totalidade cultural.

Para tanto, entrevistamos quatro surdos a fim de que pudéssemos dar a palavra a eles e entender como se sentem e como entendem as questões que pontuamos até então, pois para os ouvintes é difícil conceber a existência de uma cultura surda (MASSONE e SIMÓN, 1999, p. 61): “me é difícil conceber a existência de uma cultura surda. (...) Você propõe a idéia de gueto (...). Ainda que tenham uma língua, mas uma cultura? (tradução nossa). “A surdez como identidade cultural perturba alguns” (SÁ, 2006, p. 73). Vejamos como os surdos discernem essa questão.

Os sujeitos pesquisados foram entrevistados em momentos diferentes, conforme o questionário que segue no Anexo I. As três primeiras entrevistas foram realizadas pessoalmente e em Libras, a quarta e última entrevista foi realizada via e-mail.

O primeiro surdo entrevistado foi João, 51 anos, oralizado, instrutor de libras, com ensino médio completo. João, cujo sinal é 369, relatou-nos que sua surdez é hereditária e congênita. Ele tem muitos familiares surdos, a saber, três irmãos, primos, tios, avós, todos da linhagem materna. 369 estudou no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro) de 1963 a 1970, época em que a abordagem era oralista. Depois passou a freqüentar escola regular com sala especial nos anos de 1971 a 1974, também com abordagem oralista, ainda no Rio de Janeiro. Seu contato com libras deu-se muito cedo, por ter vários familiares surdos sinalizantes e amigos de seus irmãos que freqüentavam sua casa.

369 afirmou-nos que, em sua opinião, existe uma cultura surda que se distingue da ouvinte em muitas práticas, por exemplo, no jeito de ser: “os surdos não têm receio em perguntar certas questões pessoais, mesmo não tendo intimidade com a pessoa, enquanto que os ouvintes têm este receio”.

Segundo Álvarez (1999), realmente, esse fato relatado por 369 acontece porque: “Normalmente, quando duas pessoas ouvintes se conhecem pela primeira vez, fazem algumas perguntas relacionadas a três temas distintos (em ordem consecutiva)” (p. 83), a saber:

1. Do que a pessoa trabalha, como é o trabalho? Produz-se uma relação de colaboração laboral.
2. Quais são seus *hobbies*, o que faz em seu tempo livre? Produz-se certo interesse por realizar em conjunto algumas atividades de tempo livre.
3. Situação pessoal. Produz-se uma amizade chegando a certa intimidade devido à existência de elementos em comum.

Com as pessoas surdas ocorre o contrário: primeiro a situação 3, depois a situação 2 e, por último, a situação 1 (Álvarez, 1999).

Ainda sobre as diferenças entre o jeito de ser do surdo e do ouvinte, 369 afirma que este é mais sutil, utiliza eufemismos e circunlóquios, ao passo que aquele faz perguntas diretas e dá vazão à sua curiosidade. De fato, consoante Sá (2006) “a distinção entre surdos e ouvintes envolve mais que uma questão de audiologia; é

uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a *formas de ser*” (p. 68).

“A comunicação também é diferente – continua 369 – o surdo utiliza muita ação e classificadores para narrar ou explicar algo enquanto que o ouvinte, quando fala, não faz tantas demonstrações visíveis, é quase inexpressivo. O surdo sempre fica sabendo das informações com atraso: sobre leis, por exemplo, PROCON; a respeito de saúde, como próstata e doenças em geral, uma vez que falta interesse do surdo em obter essas informações, já que muitos deles crescem acostumados a sempre querer ajuda. A família é o principal estimulador do surdo; se minha família fosse ouvinte, que incógnita! Não sei como teria sido minha vida por causa da dificuldade de comunicação e compreensão entre surdos e ouvintes.”

“Sou surdo, comunico-me por Libras, por isso me sinto incluído na cultura surda, embora eu me mantenha afastado de movimentos sociais, políticos, festas juninas, enfim, eventos da comunidade surda. Às vezes participo, mas depende do meu tempo. Em geral frequento o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. Lá a comunicação é totalmente em libras, fico mais à vontade.”

369 como Laborit sente-se surdo e participante da cultura surda em decorrência do acesso à língua de sinais.

“O contato com surdos sinalizantes me trouxe benefícios. Por exemplo, se eu me mudasse para os Estados Unidos e lá encontrasse uma comunidade brasileira com cultura, costumes, comunicação, jeito de ser característicos dos brasileiros, então eu me encontraria, pois as pessoas tendem a procurar seus iguais; eu me sinto um imigrante entre os ouvintes, por isso o contato com surdos me trouxe benefícios, entre os quais, a interação, a identificação, a troca de informações, por exemplo, a tecnologia para surdos, celular com tela para conversar em libras, teatro com acessibilidade, passe-livre.”

De fato, as colocações de 369 levam-nos à afirmação de que “a surdez é um país sem lugar próprio. É uma cidadania sem origem geográfica” (Wrigley, 1996, p. 12 *apud* Sá, 2006, p. 80).

“Também gosto de participar da comunidade ouvinte, porque, às vezes, sei de coisas superficialmente e o ouvinte explica com mais detalhes e profundidade; no contato com ouvintes tiro dúvidas sobre saúde, leis, história, documentários, informações em geral. Acho importante participar da comunidade ouvinte, pois do contrário, estaria numa ilha; se o ouvinte sabe fazer leitura labial ou sabe libras, a

comunicação torna-se possível. Uma forma de participar da comunidade ouvinte é como professor de libras para pais ouvintes de crianças surdas. Também no Salão do Reino que frequento, há ouvintes intérpretes, tenho uma filha ouvinte e já fui casado com uma ouvinte. Minha ex-esposa sabia libras e nos comunicávamos bimodalmente e com minha filha também me comunico assim. Entre os ouvintes, já sofri preconceito por causa da minha voz, já zombaram de mim por minha fala ser diferente, mas eu não me importo.”

De fato, cada surdo tem uma experiência diferente em relação ao preconceito. Vilhalva (2006) relata que, em sua infância, muitas vezes, seus colegas não a aceitavam porque tinham receio de que a surdez fosse contagiosa, “eles tinham medo de falar comigo, achando que eu não iria entender” (p. 22).

369 considera a libras importante “pois é uma língua rica, um canal de comunicação aberto para tudo, consigo me desenvolver, abrir a mente, ter contato com outras pessoas surdas e mesmo ouvintes”. A afirmação de 369 condiz com as observações de Vilhalva (2004):

Através da Língua de Sinais, que é uma Língua completa, com estrutura independente da Língua Portuguesa Oral ou Escrita possibilitando o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive, percebi que minhas dúvidas diminuíram e o meu prazer de viver com os ouvintes aumentou de forma viva na comunicação. (p. 37-8)

“Sem a libras”, continua nosso entrevistado, “é como estar num túnel escuro e fechado. A libras possibilita uma comunicação livre, clara e expressiva, proporciona desenvolvimento e tudo mais. Imagine se o surdo não tivesse a língua de sinais, ele seria como um animal, teria que apontar e gritar; é a libras que salva o surdo de ser como um animal. A libras utiliza as mãos e os olhos e salva o sujeito do confinamento. Essa língua é um milagre, um milagre nas mãos.”

Igualmente, Laborit (2000) afirma que o acesso à língua de sinais francesa para ela foi como uma abertura da porta maciça que a afastava do mundo. A partir da língua de sinais, Laborit pôde dizer “eu”, isto é, encontrou seu lugar no mundo, sua identidade. A autora continua: “(...) a língua [de sinais] é a primeira língua, a nossa, a que nos permite ser seres humanos “comunicantes” (2000, s/p, cap. 1).

O segundo surdo entrevistado foi Igor, 29 anos, não oralizado, estudante de eletromecânica em nível técnico. Sua surdez é congênita por rubéola gestacional; toda sua família é ouvinte, sem precedentes de surdez. Em São Paulo, estudou em escola regular com sala especial de 1990-1996, na qual era utilizada, aparentemente, comunicação total, uma mistura de gestos, pantomima e oralização. Depois estudou na Escola Municipal de Educação Especial Hellen Keller, de 1997 a 2001, em que era utilizada a libras. O ensino médio foi realizado em escola regular com apoio de intérprete, de 2002 a 2004, e o ensino técnico profissionalizante vem sendo realizado no Senai de Diadema com sala especial e intérprete, de 2009-2011. Igor começou a ter contato com libras aproximadamente aos 9 anos de idade. Ele relata que quando não tinha língua nenhuma, a comunicação com a família e a comunidade era extremamente difícil. Em casa, eram utilizados gestos indicativos e inventados em família. Com a libras, sua vida mudou: “aprendi sinais, significados, palavras, informações”. Seu início de aquisição da língua de sinais deu-se no contato com outros surdos, primeiro na escola e posteriormente em pontos de encontro com surdos.

“Antes da libras eu não relacionava os fatos, não entendia os acontecimentos e seus porquês”. Até hoje sua família não sabe libras: “é muito difícil a comunicação com eles, não tem clareza, é superficial”.

De modo análogo, Strobel (2008) conta-nos que “só quando eu tive acesso à língua de sinais na adolescência, depois de muito sofrimento e de negação da surdez, é que eu pude construir a minha identidade surda e com isto abriram-se as portas do ‘saber’ sobre o mundo e, só aí, comecei a compreender as coisas.” (p. 26)

Igor segue afirmando que existe uma cultura surda que se presentifica e se materializa nas associações de surdos; nos pontos de encontro com surdos (em shoppings, por exemplo); na comunicação específica do surdo; no *camfrog* [um aplicativo de videoconferência feito para complementar-se com câmeras *web*, possibilitando conversas em tempo real com qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo], em que os surdos do mundo inteiro podem se conhecer, interagir, trocar experiências, idéias e aprender a língua de sinais de outros países; nas escolas de surdos “não com os professores ouvintes, mas entre os próprios alunos surdos”, ressalta; nos clubes e festas de surdos etc.

Igor assegura que a cultura surda existe na comunicação dos surdos que se diferencia da dos ouvintes e é importante por proporcionar-lhes desenvolvimento

cognitivo e sócio-afetivo no contato com seus iguais e, posteriormente, o surdo pode relacionar-se com ouvintes também, porque já terá se desenvolvido o suficiente para travar outras relações, segundo ele. “Quando o ouvinte sabe libras é melhor, mas quando este faz português sinalizado é muito difícil a comunicação, incompreensível e pesada, não flui, de maneira que quando chega ao final da frase, o surdo já esqueceu o começo”.

Sá (2006), a respeito da cultura surda, diz que ela “se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações etc., gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade etc.” (p. 110)

“O contato com outros surdos sinalizantes me trouxe benefícios como os que eu já mencionei. Eu pude me identificar com pessoas iguais a mim, embora também tenha trazido alguns malefícios, como por exemplo, brigas, fofocas, revanchismos, ciúmes etc”, afirma o entrevistado. Strobel (2008), parecidamente, afirma que

“o sujeito surdo ao conhecer e vivenciar a história de surdos desenvolve a sua identidade pessoal, do ‘eu’, começa a ter uma visão mais sistematizada acerca da sua diferença e do povo surdo em que vive, através de suas descobertas e discussões, enxerga o mundo, discute, descreve e escreve o que vê, o que sente em relação ao seu ser surdo. Ele exterioriza a sua subjetividade e desenvolve sua auto-estima.” (p. 41)

Com relação aos ouvintes, a comunicação fica quase impossível quando não há o intérprete ou quando o ouvinte não sabe libras, assegura Igor, “porque eu sei pouca leitura labial, não são todos os surdos que tem uma boa leitura labial. Mas como o mundo é ouvinte não dá para escapar, por exemplo, quando vou ao médico, à oficina mecânica consertar a moto, à polícia – nesses casos, quando estou sozinho, tenho que escrever, fazer gestos, apontar. Quando fui tirar minha carteira de motorista, o instrutor mostrava e eu fazia, então consegui aprender e ser aprovado. Mas não considero esse tipo de comunicação de qualidade, é ruim.”

“A igreja evangélica é um lugar em que muitos ouvintes sabem libras e os que não sabem têm certo interesse em aprender ou pelo menos respeitam o surdo do jeito que ele é. Então é melhor do que na sociedade em geral, onde há um pouco de preconceito. Eu já sofri preconceito várias vezes por parte de ouvintes: já aconteceu de gesticularem e imitarem macaco para zombar da minha língua ou simplesmente ficarem rindo e cochichando”. Tal afirmação remete-nos à já citada fala de Strnadová (2000) quando diz que a língua de sinais chama muito a atenção; ou à Laborit (2000)

quando diz que certos surdos têm pudor em usar a língua de sinais, preferindo esconder-se como se tivessem algum defeito vergonhoso.

Igor prossegue na entrevista dizendo que também em ofertas de trabalho já percebeu que existe preconceito, pois são preferidos os surdos oralizados; “outra forma de preconceito e discriminação é quando ficam chamando a gente [aos surdos] de “mudo”, “mudinho”. No trabalho também é mais fácil a comunicação porque, apesar de serem quase todos ouvintes, cria-se uma comunicação própria com gestos e teatro, então é possível interagir melhor. Também porque, como são as mesmas pessoas todos os dias e no mesmo ambiente, eles acabam aprendendo alguns sinais relacionados ao trabalho.”

Igor finaliza a entrevista afirmando que “a libras é importante para o desenvolvimento do surdo, porque com a língua de sinais o surdo abre a mente e consegue ter acesso a muitas informações, das mais diversas, amplia os horizontes, há a troca de experiências, consegue entender o mundo.”

Conforme Strobel (2008, p. 22 *apud* 2008, p.59)

“Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos [dos surdos]”.

A terceira surda entrevistada foi Cibele, 34 anos, não oralizada, inspetora em escola de surdos, cursando ensino fundamental.

Cibele nasceu em Santos e com aproximadamente sete anos veio para São Paulo. Não conheceu sua família e desconhece a etiologia de sua surdez. Sua única experiência em escola de ouvintes foi em Santos, durante um período de que não se recorda com precisão. Depois disso, sempre estudou em escola de surdos: de 1983 a 1990 foi aluna residente no internato para surdos Instituto Dona Conceição em São Paulo (extinto no começo da década de 1990), onde se utilizava comunicação total. Atualmente, estuda na Escola Municipal de Educação Especial Anne Sullivan (2010) cursando o 4º/ 5º ano da Educação de Jovens Adultos (EJA). Seu contato com libras começou aos sete anos de idade, sendo que antes disso utilizava gestos, pantomima e teatro para se comunicar. Relata que sua “mente era um vazio”, “não sabia de nada”, “não entendia nada”, “parecia um silêncio, sem comunicação, nada, nada”.

A entrevistada afirma que, de sua infância, não se lembra com precisão dos fatos, apenas de cenas desconexas, quadros esparsos. De modo análogo, a lingüista surda Vilhalva (2004) afirma que em sua infância, quando não tinha a língua de sinais, cada acontecimento ou cena ficava gravada em seu cérebro, mas não a fazia recordar ou relacionar os fatos passados ou presentes.

A língua de sinais, segundo Cibele, a ajudou a melhorar sua vida em diversos aspectos: para o trabalho, o lazer, a diversão, a interação com outros surdos, para fazer amizade, trocar idéias, ajudar uns aos outros (outros surdos). De fato, Vilhalva (2004) afirma que “os surdos quando usuários da Língua de Sinais sentem necessidade de um conforto lingüístico na cultura visual-motora” (p. 26).

Cibele demonstrou não compreender claramente o conceito de cultura, porém reconhece serem inegáveis as diferenças entre surdos e ouvintes, as quais ela pontua a seguir.

A entrevistada afirma não se sentir à vontade com ouvintes, pois falam e sinalizam simultaneamente. Para ela, isso é incompreensível, confuso, “sinto desânimo e não tenho paciência; já fui casada com um ouvinte por treze anos e foi muito difícil a convivência no quesito comunicação e também por causa do temperamento”. Cibele afirmou que os ouvintes não entendem os surdos, pensam que a libras é medíocre e muitos riem ou ficam encarando. “Eu não gosto”, afirma demonstrando seu desconforto.

O contato com outros surdos flui e estimula seu desenvolvimento, segundo Cibele, pois há a identificação. De fato, Vilhalva (2004) comenta sobre sua filha ouvinte que “às vezes (...) me falava que ficava cansada e que precisava ficar com as pessoas ouvintes (...), eu sempre entendo, pois tenho as mesmas necessidades de estar com os surdos usando apenas a língua de sinais sem ter que usar a língua portuguesa oral.”

Cibele afirma que a libras é importante porque “possibilita o aprendizado de vários conteúdos, por exemplo, é um meio de adquirir conhecimentos na escola, de ter informações no hospital, para fazer passeios, conhecer o mundo.”

O “vazio” e as recordações confusas de quando não tinha língua que Cibele menciona são semelhantes aos informados por Laborit (2000) em sua autobiografia, na qual relata que, quando não tinha língua, não conseguia relacionar os fatos e sua lembrança é confusa, composta de quadros sem relação entre si. Em casa, se

utilizava de uma “comunicação umbilical” (s/p, cap. 3), composta por gestos e pantomima.

A quarta e última entrevista foi realizada em português escrito, com Tânia, 43 anos, professora de ensino fundamental I em escola de educação especial para surdos sítia em São Bernardo do Campo, surda oralizada.

Tânia, em cuja família não há histórico de surdez, afirmou que “ninguém sabe o porquê sou surda. Nem os médicos sabem dizer e também não sabem se eu nasci ou fiquei surda depois, por causa de remédios muito fortes que eu tomei”.

Tânia estudou em “escolas para surdos e ao mesmo tempo na escola de ouvintes para poder me integrar com surdos e ouvintes. De manhã, ia à escola de surdos e à tarde fazia a mesma série na escola de ouvintes, até a 3ª série do fundamental. Depois, da 4ª série para frente, estudei só em escolas para ouvintes, mas precisava de reforço nas matérias em casa. Nunca estudei em escola de inclusão, porque, naquela época, só tinha escolas para ouvintes e escolas especiais para surdos.”

Tânia começou a aprender libras em 1996, quando foi trabalhar como professora para surdos. Nesse ínterim, a libras já era permitida. “Quando eu estudava, o uso de Libras era proibido”. Tânia ainda comunica-se oralmente com sua família.

“Minha vida, quando não podia usar Libras, era muito difícil, porque eu era a única surda na escola de ouvintes. Na escola para surdos também não podia usar Libras porque era proibido. As amigas surdas inventavam sinais para se comunicar escondido das professoras, porque era proibido usar sinais. Obrigavam a comunicação oral. Precisava aprender falar com os fonoaudiólogos. Depois que aprendi Libras minha vida melhorou, porque posso aprender mais coisas. Antes de aprender Libras me comunicava apenas oralmente”. Tânia passou a sentir-se incluída na cultura surda com a língua de sinais. Na mesma perspectiva, Sá (2006) assegura ser “importante que se registre que essa minoria tem como principal fator de integração o uso da língua de sinais, além das interações sociais que acontecem em espaços definidos.” (p. 107)

Perguntada sobre o que seria a cultura surda, ela responde: “cultura surda é a expressão pela linguagem gestual. É a motivação entre a comunidade surda pelos

juízos de valor, da arte. Tem códigos próprios, formas de organização, onde todos são solidários e têm vínculos lingüísticos.”

Similarmente, Strobel (2008) afiança que “a cultura retrata a vida que os surdos levam, suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, suas artes, seus desempenhos e seus mitos compartilhados, seu jeito de mudar o mundo, de entendê-lo e de viver nele.” (p. 59)

O contato com a libras e com surdos sinalizantes trouxe benefícios à Tânia, “porque um surdo sempre procura ajudar o outro e também saber melhor o que acontece (notícias)”.

Strobel (2008) desabafa: “Ao ter contato com a comunidade surda, o meu mundo abriu as portas e eu pude explorar e expandir para fora tudo o que estava insuportavelmente sufocado dentro de mim.” (p. 17)

Tânia também interage com a comunidade ouvinte. “Meu contato com a comunidade ouvinte é normal. É só as pessoas falarem devagar e de frente comigo”. “Me sinto participante da comunidade ouvinte, porque sempre me comuniquei bem com os ouvintes e também os ouvintes me respeitam e se comunicam bem comigo. Já tive namorados ouvintes. Casei com ouvinte. Namorei 6 anos com meu ex-marido, com o qual fiquei casada por 7 anos. A comunicação com ele sempre foi normal, sem sinais e também é assim a comunicação com meu filho; só comunicação oral”. Tânia diz que sua comunicação é igual “tanto com surdos quanto ouvintes, porque sempre fui oralizada e agora também uso Libras. A Libras é muito importante, porque se aprende mais rápido e também facilita a comunicação”.

Perguntada se gostaria de acrescentar algo, nossa última entrevistada respondeu que sim e continuou: “Acho muito importante usar Libras, mas é importante os surdos terem escola especial para surdos, da pré-escola até a 8ª série. Depois podem ir para escolas de ouvintes (inclusão).”

De fato, a ponderação de Tânia, alinha-se com o relato de Vilhalva (2004), a qual, em sua autobiografia, conta-nos que em criança “dentro de minha pessoa eu tinha um desejo de estar numa escola onde as pessoas fossem surdas iguais a mim, pois sentia que não havia comunicação entre eu e os meus colegas, pois a maioria era ouvinte e não sabia comunicar comigo, sentia-me isolada.” [grifo nosso] (p. 23).

Depois, a autora relata sobre sua insegurança acadêmica no ensino fundamental ter sido muito marcante em sua vida escolar, “por aprender a ser copista sem saber o significado da língua escrita...” (*ibidem*).

Percebemos, pelos depoimentos, a ênfase dada à língua como elo entre os surdos da comunidade, a presença da língua de sinais como um marco na vida deles e a importância do contato dos surdos entre si para a promoção de um processo de identificação psico-sócio-linguística. O contato “com outros surdos, sua cultura e língua, possibilita uma identificação de outro lugar: a identificação que o faz ver-se como um surdo (em um sentido étnico) ao invés de ver-se como um ‘não ouvinte’” (tradução nossa), (PELUSO, 1999, 92).

Desta sorte, podemos afirmar que o encontro do surdo com seu igual é uma epifania; nas palavras de Laborit (2000, s/p, cap. 7) é um “magnífico presente”, o surdo passa a compreender que não está sozinho no mundo (*ibidem*). Ele precisa de seus pares para constituir-se enquanto sujeito completo, com todas as suas potencialidades e especificidades, as quais devem ser respeitadas e valorizadas para a promoção da construção de sua identidade e empoderamento cultural, porque ser surdo não significa, simplesmente, não ouvir,

quer dizer: "Compreendi que sou surda." É uma frase positiva e determinante. Na minha mente, admito que sou surda, compreendo-o, analiso-o, porque me deram uma língua que me permite fazê-lo (...).Pertencço a uma comunidade, tenho uma verdadeira identidade. Tenho compatriotas. Em Washington os outros disseram-me: "Tu és como nós, és surda." E fizeram o [sinal] que indica surdo. Nunca mo tinham DITO. E a revelação está ali, um conceito que eu nunca tinha construído na minha cabeça" (LABORIT, 2000, s/p, cap. 9)

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É melhor ser-se surdo ou ouvinte? O antropólogo Richard Shweder formula a seguinte questão: “É melhor ter três deuses e uma esposa ou um deus e três esposas?”. Obviamente que esta questão não tem qualquer sentido, a não ser em relação a um determinado âmbito cultural. (LANE, 1992, p. 27)

Vencendo barreiras, a maior delas era a minha auto-aceitação, passei a conviver com os outros surdos aceitando com mais facilidade a minha necessidade de fazer uso da Língua de Sinais e não sendo apenas mais uma pessoa no auditório e sim uma pessoa surda com identidade própria, com direito de ser diferente e de descobrir o fascinante mundo dos ouvintes. (VILHALVA, 2004, p. 59)

Na entrevista com os surdos em nossa pesquisa de campo, confrontamos os dados obtidos com os teóricos e autores utilizados. Dessa forma, pudemos observar, então, muitos pontos em comum, conforme pontuado ao longo da transcrição e análise das entrevistas. No entanto, não supusemos a existência de uma identidade única e essencial, pois a comunidade surda é plural. A identidade é móvel, dinâmica, descentrada e transformada continuamente em relação às formas através das quais é representada nos diferentes sistemas culturais (SKLIAR, 1999). Buscamos, não obstante, as aproximações por meio de um fio convergente a todas elas: a língua, geradora da cultura, “pois é evidente na história dos surdos que a língua de sinais ocupa o primordial papel na construção das identidades, valores culturais e representações dos sujeitos surdos.” (STROBEL, 2008, p. 141). É a cultura que cria a língua ou é a língua que cria a cultura? Armadilha teórica, pois ambas são indissociáveis, e se mantêm mutuamente.

A língua “garante além da comunicação, o conforto lingüístico, tornando-se assim uma língua natural e forma de expressão da pessoa surda, envolvendo ações, idéias e sentimentos” (VILHALVA, 2004, p. 65). Ela constitui a experiência visual de ser e estar no mundo, transpassando, construindo e elaborando todas as outras experiências, pois não serve só como instrumento de comunicação, mas também como elemento fundador/criador da realidade (SKLIAR, 1999).

Pudemos observar várias convergências nos depoimentos de nossos entrevistados alinhadas aos teóricos citados, conforme já mencionamos. Por tudo isso, consideramos que a cultura surda não apenas é relevante para a minoria surda, mas também para a sociedade ouvinte majoritária, pois esta, na medida em que aceita e reconhece a existência de línguas, culturas e subjetividades diferentes das majoritárias, torna-se cada vez mais inclusiva e capaz de aceitar o diferente, seja qual for a modalidade de língua que se use ou as especificidades decorrentes disso. A sociedade que aceita o diferente, torna-se mais acolhedora, menos opressiva e menos massificadora e acaba por criar alternativas e meios para a manutenção do bem estar de todos, promovendo a humanização das pessoas.

## ANEXO I

### QUESTIONÁRIO TCC FMU

1. Nome
2. Idade
3. Oralizado ou não?
4. Por que nasceu surdo (a)?
5. Tem mais surdos na família? Quem?
6. Estudou em escolas de surdos ou de ouvintes? Quais? Em que período? Se estudou em escola inclusiva, que tipo de suporte foi oferecido?
7. Com que idade começou a ter contato com Libras? Onde?
8. Como sua família se comunica com você?
9. Quando você não conhecia libras, como era sua vida? Sua vida melhorou quando começou a ter contato com Libras? Como?
10. Como você se comunicava antes de adquirir Libras?
11. Em sua opinião existe cultura surda? Se sim, o que seria esta cultura? Você se sente incluído (a) nela?
12. O contato com surdos sinalizantes trouxe a você algum benefício? Qual (is)?
13. Como é seu contato com a comunidade ouvinte? Você se sente participante dessa comunidade? Já se sentiu vítima de preconceito por parte dos ouvintes ou dos surdos?
14. Você já namorou ou se casou com ouvinte? Se sim, por quanto tempo? Como era a comunicação com seu parceiro (a)?
15. Você acha que se comunica melhor com ouvinte ou com surdo? Por quê?
16. Você acha que a Libras é importante? Por quê? Para que?
17. Você gostaria de acrescentar algo que considera importante e que não tenha sido perguntado?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVAREZ, M. A. Liderazgo y Direccion de Personas Sordas Jóvenes em El Trabajo Nacional e Internacional de las Organizaciones de Sordos: Clarificación de los Objetivos (p. 77- 85) *in* SKLIAR, C (org.). **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos: Processos e Projetos Pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- Feneis – SP. **PIADAS em libras**. DVD, 45' aprox. São Paulo [s/d].
- LABORIT, E. **O grito da gaivota**. Editorial Caminho: Lisboa, 2000
- LANE, H. **A máscara da benevolência, a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LOPES, M. C. **Surdez e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Tese de mestrado UFRGS, 1998.
- PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Dissertação de doutorado UFRGS, 2003.
- QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- QUADROS, R. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: aquisição de linguagem**. São Paulo: Artmed, 1997.
- SUTTON-SPENCE, R. Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em língua de sinais *in* QUADROS, R. M. e VASCONCELOS, M. L. B de (org.). **Questões teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais, TISLR 9**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008, p. 329-338.
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo 8**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros passos, 124).

SÁ, N. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SANTANA, A. P. e BÉRGAMO, A. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf)>. Acesso em 10 de junho de 2009.

SKLIAR, C. A. Localização Política da Educação Bilíngüe para Surdos (p. 7-14) in \_\_\_\_\_ (org.). **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos: Processos e Projetos Pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STRNADOVÁ, V. **Como é ser surdo**. Petrópolis: Babel, 2000.

STROBEL, K. L. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Dissertação de doutorado UFSC, 2008.

VILHALVA, S. **Despertar do silêncio**. Petrópolis: Arara Azul, 2004.

WILCOX, S. e WILCOX, P. P. **Aprender a ver, o ensino da língua de sinais americana como segunda língua**. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

## CONSULTAS

<[buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4262316E3](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4262316E3)>. Consulta realizada em 19 de setembro de 2010.

<[buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4763112T6](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4763112T6)>. Consulta realizada em 19 de setembro de 2010.

<[buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=H583832](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=H583832)>. Consulta realizada em 19 de setembro de 2010.

<<http://www.cbds.org.br/2historico.html>>. Consulta realizada em 22/12/2009.

< <http://csjonline.web.br.com/>>. Consulta realizada em 31/07/2010.

<[emedix.uol.com.br/not/not2001/01nov27neu-uw-bod-surdez.php](http://emedix.uol.com.br/not/not2001/01nov27neu-uw-bod-surdez.php)>. Consulta realizada em dezembro de 2009.

<[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>). Consulta realizada em 14/03/2010.

<[www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm)>. Consulta realizada em 14/03/2010.

<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa\\_com\\_deficiencia/noticias/?p=13046](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/noticias/?p=13046)>). Consulta realizada em 10/05/2010.

<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa\\_com\\_deficiencia/noticias/?p=17625](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/noticias/?p=17625)>. Consulta realizada em 27 de agosto de 2010.

< <http://sur10.net/?s=celig>>. Consulta realizada em 31 de julho de 2010.

<<http://www.surdodum.hpg.com.br/>>. Consulta realizada em 22 de dezembro de 2009.

<<http://www.vezdavoiz.com.br/midia/24.pdf>>. Consulta realizada em 22 de dezembro de 2009.